

## 5. A escolha do estabelecimento de ensino

Neste capítulo o foco são as razões de escolha das escolas pelas famílias investigadas, os fatores considerados mais importantes pelos pais ao matricularem seus filhos no estabelecimento escolar. Os dados mapeados nos questionários e entrevistas indicam semelhanças e diferenças entre esse grupo de pais quanto ao processo de escolha de escola para seus filhos. Ao abordar as semelhanças e diferenças que conduziram esse grupo de pais à escolha da escola para seus filhos serão analisados, com o apoio da literatura, os processos de desigualdade educacional que subjazem às referidas escolhas.

Com base na literatura nacional e internacional, Nogueira et al. (2011), recorrem a quatro argumentos para explicar o peso das desigualdades educacionais sobre o processo de escolha do estabelecimento de ensino.

Em primeiro lugar está a questão da possibilidade da escolha, que varia de acordo com o meio social, sendo apenas os mais favorecidos economicamente, capazes de arcar com os custos de escolas particulares de prestígio ou instituições públicas de excelência (pela questão das despesas e tempo gastos com deslocamento).

Um segundo argumento seria a importância atribuída ao ato da escolha, a qual também é uma tendência das parcelas mais escolarizadas da classe média, em virtude do peso da escolarização para determinação da posição social e profissional futura dos filhos.

O terceiro argumento trata da variedade dos critérios de escolha entre os grupos sociais, de modo que, pais socialmente melhor posicionados tenderiam a utilizar “critérios internos ao processo educativo” enquanto, pais de nível socioeconômico inferior adotariam “critérios práticos ou funcionais.”.

Por fim, o quarto argumento concerne ao volume e à qualidade da informação a que os pais têm acesso no processo de escolha, assim como, sua habilidade para decodificar e utilizar estrategicamente essa informação.

Portanto, com base nessa argumentação, os autores afirmam que tanto melhores as condições econômicas da família, mais elaborada será a escolha da escola para a prole. Para Nogueira et. al. (2011)

*“A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias revela-se, assim, como um fenômeno por meio do qual se pode observar, de forma bastante clara, o peso das desigualdades sociais na determinação das trajetórias escolares. As famílias que possuem recursos econômicos e culturais mais elevados detêm melhores condições de escolher, são mais propensas a fazê-lo servem-se de critérios academicamente mais relevantes, obtêm mais informações e são mais aptas a utilizá-las. Essas famílias tendem, assim, a escolher a melhor escola possível para os filhos, o que constitui uma vantagem adicional para eles, comparativamente aos alunos oriundos de meios socialmente menos aquinhoados.” (p.957)*

Com base nos argumentos desses autores, faremos uma análise de como aparecem na realidade observada, os aspectos apontados, já que, o perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa (capítulo quatro desse estudo), aponta que esse grupo constitui as camadas populares e a nova classe média brasileira.

## 5.1

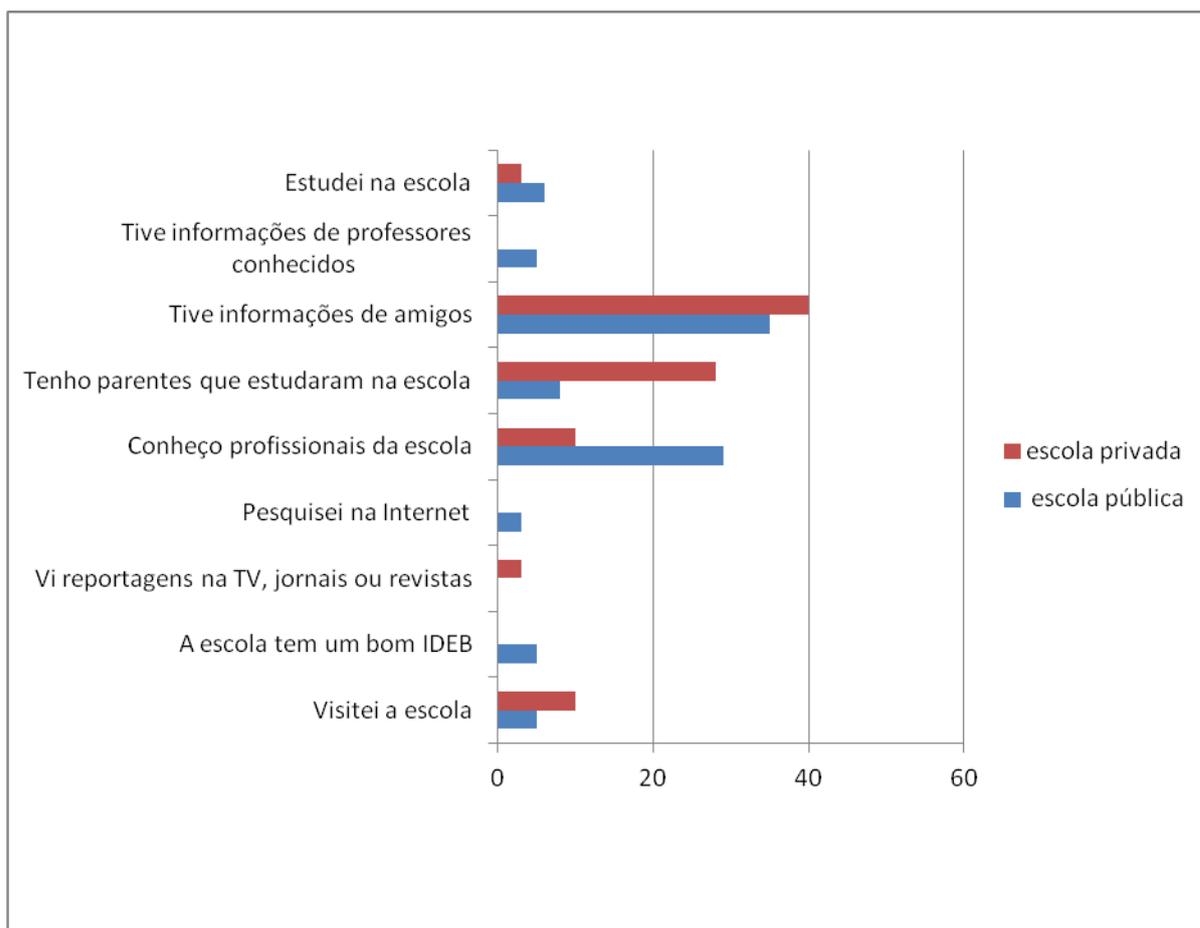
### **Origem das informações para a escolha da escola pública e privada**

Nos dias atuais, há uma série de informações disponíveis para a escolha do estabelecimento de ensino que vão desde as informações geradas pelas próprias instituições por intermédio de propaganda midiática e websites (WALDHELM, 2009) até as divulgações oficiais a partir de avaliações externas e exames nacionais, como a Prova Brasil e o ENEM. Porém, é preciso destacar que além de ser restrito o número de escolas que se destacam nos rankins divulgados por matérias jornalísticas, nem todas as famílias tem acesso a essas informações ou fazem uso delas.

Portanto, para compreender o processo de escolha do estabelecimento de ensino, é importante identificar a origem das informações sobre a escola e as disposições para compreendê-las, pois, de acordo com Nogueira, *“as pesquisas evidenciam que o volume e a qualidade da informação a que os pais têm acesso no processo de escolha, bem como sua capacidade de decodificação e de utilização estratégica dessa informação variam enormemente segundo os grupos sociais”* (2011, p.956).

Como é possível perceber na tabela a seguir, cujos dados foram extraídos do questionário aplicado aos pais, a principal fonte de informação para a escolha da escola para seus filhos vem da rede de amigos, com 35% e 40% do percentual assinalado respectivamente pelos pais da escola pública e da escola privada.

**Gráfico 6 - Origem das informações para a escolha da escola pública e privada**



Além da informação fornecida pela rede de amigos (40%), o fator “tenho parentes que estudaram na escola” parece bastante significativo para os pais da escola privada, origem de 28% das informações que obtem, seguidos do ato de “conhecer os profissionais da escola” (10%) e “visitar a escola” (10%). Para os pais da escola pública, além das informações vindas de amigos (35%) se destaca o fato de conhecerem profissionais na escola (29%). Esse aspecto foi observado no decorrer de três das oito entrevistas realizadas com os pais da escola pública. Entre eles havia uma merendeira da escola, uma filha de professora e um amigo do zelador, todos indicados para entrevista pela coordenação pedagógica o que

reforça a possibilidade de um relacionamento mais próximo desses pais para com a escola. Nesses casos “o conhecimento das possibilidades de opção quanto à escolha das escolas públicas dessa rede ‘comum’ se alia a redes de contatos sociais ‘valiosos’.” (COSTA, 2011)

A despeito de 92% dos pais de alunos da escola privada dizerem ter acesso à rede mundial de computadores (tabela 13) os mesmos não mencionaram utilizá-la para obter informações sobre a escola de seus filhos. Cabe-nos aqui, questionar qual o uso que essa população faz desse serviço, pois, parece que o mesmo não foi apropriado por esses pais como estratégia para a escolha da escola. Quanto aos pais da escola pública, cerca da metade dos respondentes dispõe do serviço de internet e mesmo que ínfimamente, alguns desses pais (3%) o usam para obter informações a respeito da unidade escolar. Isso se dá, provavelmente, diante das propagandas do poder público sobre as avaliações de rendimento (Prova Brasil, Saeb, Saerj). Nessas campanhas informativas, o governo divulga o site onde a população pode encontrar os resultados obtidos pelas escolas e a posição que cada uma ocupa no conjunto do sistema de ensino.

A baixa frequência ao item “vi reportagens na TV, jornais e revistas” pode ser fruto da baixa divulgação midiática a respeito dos dois colégios, já que apesar de considerados de prestígio entre as famílias, não chegam a receber destaque na mídia, pois se comparadas às escolas de elite do Rio de Janeiro (capital do estado) podem ser classificadas como escolas “comuns” (COSTA et al., 2011). Seu prestígio é relativo à localidade onde se encontra e a divulgação é fruto do “boca-a-boca” dos pais, o que explicaria também, o alto índice de troca de informações entre amigos nas duas realidades. As demais frequências, como pode ser observado no gráfico 6, ficaram dispersas entre os itens que originam a informação para a escolha de escola.

## **5.2**

### **Opções de escolha**

Sabendo que a questão da escolha está intimamente relacionada à oferta, é necessário levar em consideração as opções de escolas disponíveis no município e acessíveis a essas famílias. De acordo com o MEC/INEP, em 2006, o município

no qual foi realizada a pesquisa contava com 81 escolas estaduais e 63 escolas privadas que ofertavam o Ensino Fundamental.

Quando perguntados, através do questionário, sobre as outras opções de escola para matricularem seus filhos, 45% dos pais da escola pública, disseram não terem outras opções, apesar do município dispor de uma extensa rede de escolas públicas estaduais. A razão desta resposta pode estar na satisfação dos pais para com essa escola, satisfação esta observada também pelas entrevistas, pois, nota-se pela fala dos pais, que essa escola pública se distingue das demais, atraindo moradores de outros bairros da cidade:

*“Vale a pena! Eu mancando, eu correndo, chovendo... Eu to aqui, entendeu? Não adianta você botar perto de casa que o estudo não é a mesma coisa! Que nem eu falo pra você: uniforme... as crianças vai de qualquer jeito! Chega lá e começa a correr, começa a agarrar um ao outro! E as meninas começa a namorar daqui, namorar nos cantos. Não tem disciplina, não tem ninguém pra tomar conta. Saiu da porta do colégio é aquelas crianças ‘brabas’ que vai pra lá ‘perturbar’. Adianta você botar?!” (Antônia, avó/mãe moradora de uma comunidade no centro da cidade)*

A fala da diretora da escola a respeito do grande quantitativo de alunos oriundos de outras localidades diferentes do bairro onde está localizada a escola vem corroborar a hipótese da busca das famílias por escolas de melhor qualidade dentro uma rede de escolas comuns. (COSTA, 2011)

*“O Instituto Terra, ele não tem uma comunidade específica. Por quê? Se você for no Dulce Petry, o Dulce Petry está no Beira Mar; se você for no Lia Marcia, você tem a comunidade que está na lá é a da Vila São Luis; comunidade do Jardim Leal, é a Comunidade do Jardim Leal; o Instituto Terra não, ele não tem uma comunidade específica. Eu acho que o maior entrave é este, o maior dilema é esse, porque você não consegue manter um vínculo muito grande com essas famílias, por que eu tenho aqui alguns oriundos de Bom Sucesso, da Ilha do Governador, de Xerém, Nova Campina, Jardim Leal, Jardim 25 de Agosto, todos os bairros que você possa imaginar eu tenho aluno aqui. Eu tenho aluno de Jardim América. Então eu tenho aluno de todos os campos(...)” (Shirley, diretora do Instituto Terra)*

A demanda por determinadas instituições escolares parece estar relacionada à concorrência das famílias por escolas de boa qualidade. Para Costa (2011) isso se dá diante de uma oferta escassa de estabelecimentos de ensino com reputação diferenciada, como é o caso da escola pública em questão.

Também, foi significativo o índice de pais que como opção se dirigiria à outra escola pública (34%) uma vez que a maior parte do grupo tem um ganho mensal entre um e dois salários mínimos (conforme já citado no perfil socioeconômico das famílias). Apenas 19% das famílias veem nas escolas privadas uma possibilidade de escolha, provavelmente pelas mesmas razões financeiras que os impõem a procurar a rede pública, a qual totaliza 79% das opções para esse público.

Portanto, o movimento entre as redes não é uma prática frequente dentro do universo pesquisado, se considerarmos que além dos pais da escola pública não terem a escola privada como uma opção possível, apenas 16% dos pais da rede privada veem na escola pública uma opção, contra 68% que tem como alternativa outra escola privada.

A rejeição à escola pública pelos pais de alunos da escola privada pode ser explicada por duas vias: primeiro pela visão negativa que essas famílias possuem sobre o ensino na rede pública revelada nas entrevistas e segundo pela necessidade de proporcionar aos filhos um convívio social diferente através da escolarização. A fala de Elizabete, mãe de uma aluna da rede privada exemplifica bem essa questão, quando perguntada sobre a possibilidade de mudar a filha de colégio, após demonstrar insatisfação para com a atual instituição onde a menina estuda:

*“(...) Vamos supor que eu tirasse ela desde o início de lá, ela iria para onde? Para o colégio público? O Tom Jobim? [colégio estadual da comunidade em que mora] Dentro da favela!? Aqui em baixo, só tem drogado! Não tem o que você fazer, Instituto Terra, também não fica atrás.(...)”*

A filha de Elizabete é bolsista, ela não tem condições de pagar outro colégio privado, e apesar da escola onde sua filha estuda não satisfazer seus anseios, ela não quer transferi-la de colégio, pois, teme que a filha seja influenciada pelos alunos, supostamente drogados, que frequentam a escola pública de sua vizinhança.

Em entrevista, a coordenadora pedagógica da escola pública, diz que alguns de seus alunos são oriundos da rede privada de ensino e a diretora da escola afirma que recebe constantemente solicitações de vagas por pais de alunos dessa

rede que se encontram em inadimplência. Essa poderia ser a razão de 16% dos pais da rede privada terem assinalado que viam na escola pública uma opção, pois apesar do grupo se mostrar financeiramente mais abastado que os pais da escola pública, existe uma fração considerável, como o caso de Elizabete, que tem uma baixa renda familiar, e não consegue sustentar as despesas advindas do processo de escolarização de seus filhos.

Bianca demonstra mais resignação ao contar com o colégio público como uma alternativa à escolarização de sua filha, caso não consiga arcar com as despesas advindas da escola privada:

*“Caso a gente não conseguir [pagar], a gente escolhe outra escola ou bota no público. Se for o caso de precisar colocar no público, no público eu boto. Quando eu estudei, eu estudei sempre no público, nunca tive essa oportunidade de estudar no particular. Eu estudei no público.”(Bianca)*

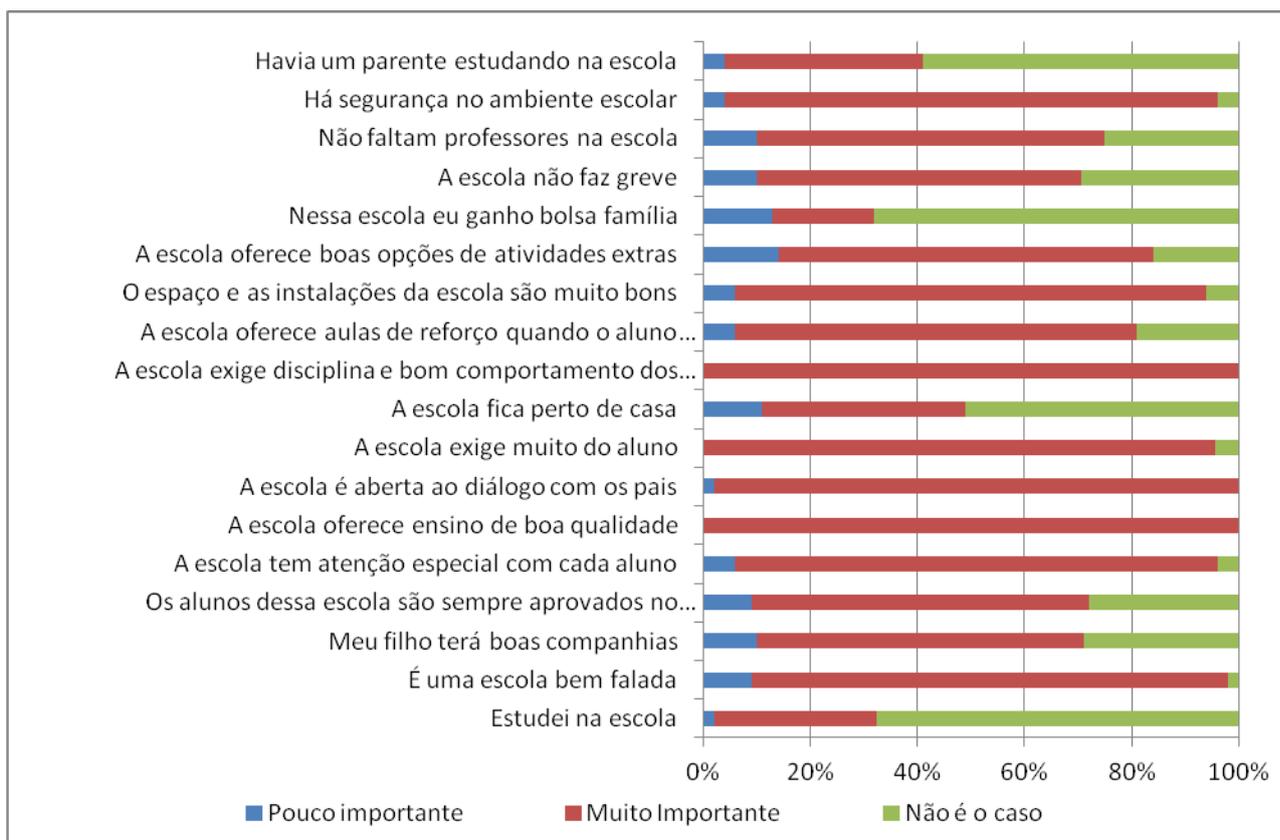
Como se pode observar na fala de Bianca, ainda que oriunda de escola pública há uma preferência para que seus filhos estudem em instituições privadas. Entre os dezoito pais entrevistados, três afirmaram terem passado por escola privada, dois deles como bolsistas.

### **5.3**

#### **Motivos importantes para a escolha da escola pública e privada**

Os gráficos 7 e 8 apontam o grau de importância dado pelas famílias da escola pública e privada a cada um dos aspectos relacionados a escolha da escola para sua prole. A primeira impressão que os gráficos nos evocam é que há vários aspectos considerados muito importantes para os grupos de pais, no entanto, há aqueles unânimes ou quase unânimes nas duas realidades:

**Gráfico 7 - Aspectos importantes para a escolha da escola segundo as famílias da escola pública**



Dois motivos apareceram como preponderantes entre os demais assinalados pelas famílias da escola pública, “a escola exige disciplina e bom comportamento” e “a escola oferece ensino de boa qualidade”, ambos com 100% de frequência. O primeiro deles, correspondeu a fala dos pais da escola pública, a qual demonstra prezar por valores como “ordem”, “respeito” e “submissão”. Tais valores poderiam estar associados à predominância de cristãos no universo da pesquisa, pois, 87% afirmam ser religiosos (41% católicos, 47% evangélicos e 2% de outras religiões). Souza e Lamonier (2010), também apontam a influência da religião professada sobre os sujeitos da nova classe média brasileira. Nas entrevistas foi possível notar que as famílias destacam a importância de valores morais e éticos, ora criticando atitudes de insubordinação e rebeldia dos alunos, ora defendendo a importância do respeito à autoridade do professor e obediência às normas, como horário de entrada e uso do uniforme escolar.

O segundo fator mais apontado para a escolha pelos pais da escola pública foi a “qualidade do ensino”, embora não tenha sido tratado nas entrevistas com essa nomenclatura. Os pais classificam a escola utilizando palavras simples como

boa ou ruim, dizem que o ensino é “puxado” ou “fraco”. Quando perguntados sobre as razões para a escolha da escola, quase nunca tratam da questão do “ensino em si”. Suas motivações parecem estar mais voltadas para o resultado obtido através da escola do que com o processo de ensino-aprendizagem. Isso pode estar relacionado à baixa escolaridade, tendo em vista que 48% desses pais não concluíram a Educação Básica, portanto, tem pouco conhecimento sobre o funcionamento do ensino.

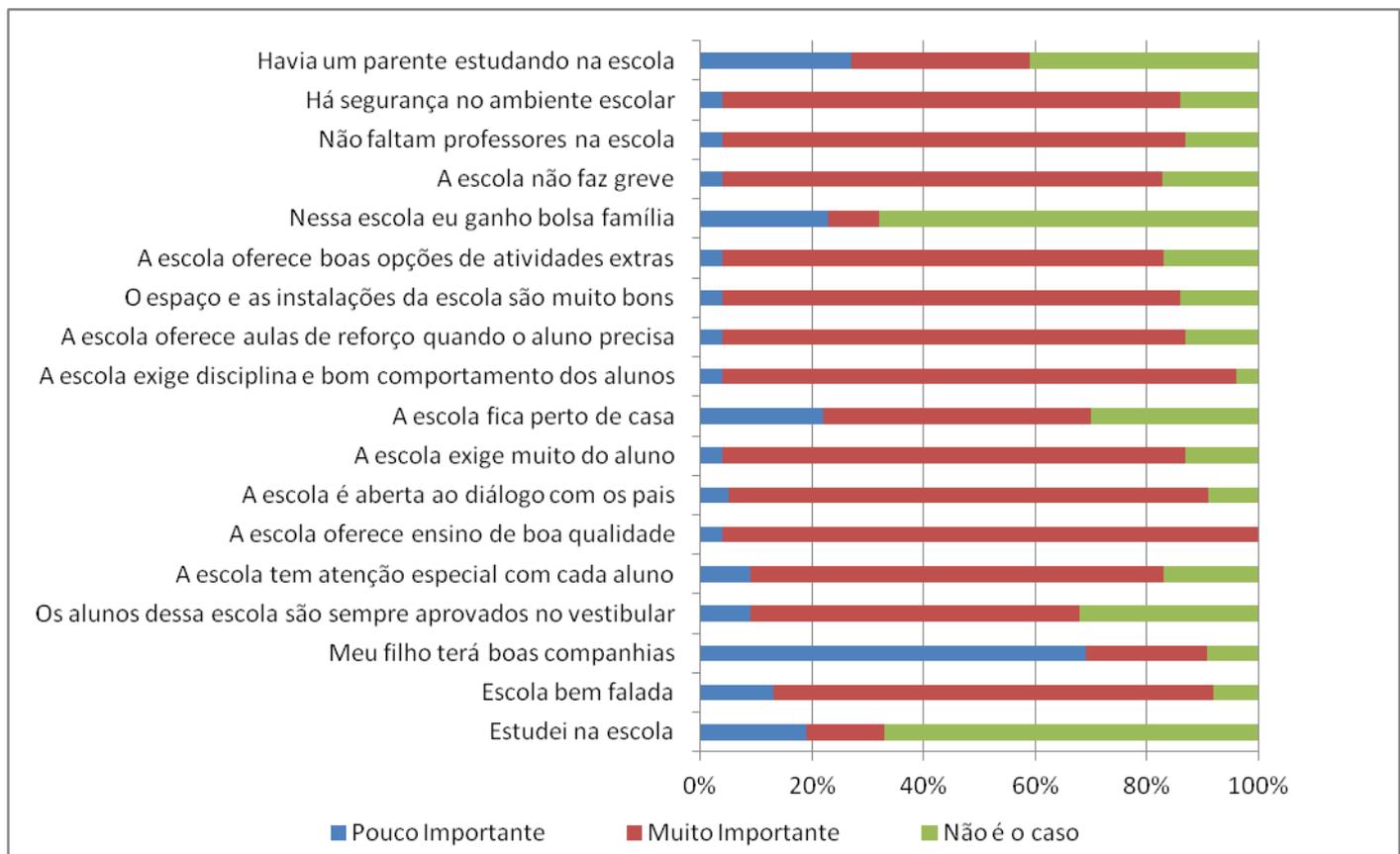
Para Daniel Thin (2006) a lógica de pensamento das famílias de camadas populares a respeito da educação é diferente das lógicas escolares. Na ausência do domínio dos conhecimentos escolares a lógica escolar se impõe à lógica familiar por meio de uma confrontação desigual.

*“Essa confrontação entre dois pólos (o pólo das lógicas escolares e o pólo das lógicas populares) é, ao mesmo tempo, o encontro entre um pólo dominante e um pólo dominado, o que justifica a proposição de uma confrontação desigual (Thin, 1994a). Ela é desigual no sentido de que as práticas e as lógicas escolares tendem a se impor às famílias populares. Ela é desigual no sentido de que os pais, tendo pouco (ou nenhum) domínio dos conhecimentos e das formas de aprendizagem escolar e dominando mal as regras da vida escolar, são, não obstante, obrigados a tentar participar do jogo da escolarização, cuja importância é grande para o futuro de seus filhos. Ela também é desigual porque os professores, como agentes da instituição escolar, têm o poder de impor às famílias que elas se conformem às exigências da escola (pelo menos às mais elementares entre elas). Ela é desigual, ainda, porque os pais têm o sentimento de ilegitimidade de suas práticas e de legitimidade das práticas dos professores. É dessa confrontação desigual que nasce a maioria dos mal-entendidos, das inquietações, das dificuldades entre os professores e as famílias populares. Tais dificuldades não podem ser analisadas como produto de uma simples incompreensão que basta ser esclarecida para que as relações melhorem. As dificuldades são estruturais e, se queremos falar em mal-entendido, é preciso não esquecer que ele é produto de uma profunda oposição entre duas lógicas sociais diferentes.” (THIN, 2006 p. 215)*

As hierarquias não são naturais, apenas naturalizadas por intermédio de uma “confrontação desigual”, na qual uma lógica se impõe a outra. Parte do que a família pensa sobre a escola partiu de uma construção que se deu na própria escola, pois, uma série de ideias foi incutida no seio da família pela instituição escolar.

Como pode ser observado no gráfico 8, assim como os pais da escola pública, os pais da escola privada também elegeram o item “qualidade de ensino” como aspecto mais importante para a escolha da escola de seus filhos.

**Gráfico 8 - Aspectos importantes para a escolha da escola segundo as famílias da escola privada**



Sete dos dez pais entrevistados da escola privada não apresentaram ter clareza sobre o que é qualidade de ensino. Referindo-se ao conhecimento que os pais detêm sobre a escola, Nogueira afirma que,

*“(...) Vale ainda destacar a importância de um componente específico do capital cultural, a informação sobre a estrutura e o funcionamento do sistema de ensino. Não se trata aqui apenas do conhecimento maior ou menor que se possa ter da organização formal do sistema escolar (ramos de ensino, cursos, estabelecimentos), mas, sobretudo, da compreensão que se tenha das hierarquias mais ou menos sutis que distinguem as ramificações escolares do ponto de vista de sua qualidade acadêmica, prestígio social e retorno financeiro. Essa compreensão é fundamental para que os pais formulem estratégias de forma a orientar, da forma mais eficaz possível, a trajetória dos filhos, sobretudo, nos momentos de decisões cruciais (continuação ou interrupção de estudos, mudança de estabelecimento, escolha do curso superior, entre outros).” (NOGUEIRA, 2002 p.22)*

Suas referências sobre o processo de ensino-aprendizagem estão vinculadas, ao que seus filhos dizem a respeito das aulas, sobre o relacionamento professor-aluno e o convívio entre os mesmos, ou declaram nunca ter pensado sobre isso.

Como os pais da escola pública, esses pais tendem a valorizar mais o resultado da escolarização do que o processo de ensino e aprendizagem.

*“Então é melhor colocar em um colégio que puxa mais, que tenham um interesse maior pelo aluno, até de exigir a nota, do que depois você ter que gastar dinheiro, até a mesma coisa aconteceu com a gente no Normal [Curso de Formação de Professores], depois de ter feito normal, estamos fazendo pré-vestibular (...)” Elizabete*

É possível, que quando os pais tenham assinalado o item “qualidade de ensino” como um aspecto muito importante para escolher a escola de seus filhos, eles estivessem apenas atendendo ao que seria esperado que respondessem. Ou seja, a expressão “qualidade de ensino” se popularizou, e por isso, ainda que seu significado não esteja elucidado, já se propagou que é algo bom e necessário, portanto, na visão desses pais a resposta “pouco importante” ou “não é o caso” não deveria ser assinalada.

Tanto nos dados dos questionários quanto nos obtidos através das entrevistas, as respostas dos pais da escola privada também se aproximam das respostas dos pais da escola pública no que tange à valorização da disciplina e ao bom comportamento. Para o grupo dos pais da escola privada, o fato de colocarem seus filhos em uma instituição paga, garantiria maior disciplina, porque a representação desses pais sobre as instituições escolares é a de que na escola privada há turmas menos lotadas, maior atenção para com os alunos, e um público mais “diferenciado”. Essas expectativas fazem parte de um conjunto de representações que os pais têm sobre a escola privada, e nem sempre correspondem à realidade.

#### **5.4 Tipos de escolhas**

A partir da fala dos entrevistados associada aos dados dos questionários também foi possível perceber três diferentes tipos de escolha do estabelecimento de ensino entre o grupo pesquisado: escolhas de ordem pragmática, como proximidade, estrutura física da escola, presença de outros filhos na escola e custo das mensalidades. Escolhas voltadas para melhoria de vida e ascensão social, como a longevidade escolar, estabilidade financeira e mobilidade social. E

escolhas voltadas para a transmissão de valores morais e éticos, como respeito ao próximo, submissão às regras, e cordialidade.

#### **5.4.1 Escolhas de ordem pragmática**

Segundo Nogueira, “*os pais menos escolarizados e de nível socioeconômico mais baixo tendem a privilegiar critérios práticos ou funcionais, tais como: proximidade da residência, facilidade de transporte e infraestrutura física, presença de outros filhos na escola.*” (2011, p. 956) Se estes critérios puderam ser observados nas falas dos entrevistados, é preciso ressaltar que no universo pesquisado os critérios práticos, citados por Nogueira não são tomados de forma absoluta, estão quase sempre relacionados a outros fatores. Por exemplo, a proximidade da residência apresentou-se um critério interligado às condições financeiras da família. Algumas famílias escolheriam outras instituições escolares para seus filhos, mas, se apoiam no critério proximidade por não terem tempo de acompanhar seus filhos a lugares mais distantes ou não terem dinheiro para custear um transporte escolar.

É possível que o fato do grupo entrevistado se encontrar em transição entre as camadas populares e a nova classe média interfira na eleição desses critérios mais funcionais para a escolha da escola de seus filhos. Das dezoito entrevistas com os pais, cinco deles (quatro da escola privada e um da escola pública) tomaram como fatores primordiais algum dos critérios funcionais citados por Nogueira (2011). Para outros pais esses critérios funcionais aparecem, mas, relacionados a outros fatores, os quais serão abordados mais adiante.

##### **5.4.1.1 Proximidade**

A escolha pela proximidade não foi considerada importante entre os pais da escola pública. Entre as famílias da escola privada, a escolha pela proximidade se deu em dois casos. Essas duas famílias possuem uma série de semelhanças entre si. São famílias formadas por pais casados com apenas uma filha, cujas mães foram as respondentes da entrevista e exercem a profissão de manicure. Ambas as

mães preferiram que as entrevistas fossem feitas no colégio, ainda que morassem muito próximo a escola. O pai de uma dessas famílias é porteiro (trabalhava na escola até o ano anterior e encontra-se desempregado) e o outro é aposentado. Fátima, esposa do porteiro possui o Ensino Médio e Marta não concluiu o Ensino Fundamental.

*“Eu escolhi não é por que seja de fama, mas é perto e meu irmão já estudou aqui [...] Eu não tenho muito a falar não, né... [...] até porque é perto e ela [a filha] tinha cinco anos, era muito novinha e eu fui deixando e ela está aqui até hoje.”*  
(Marta)

*“O pai dela até tem uma ex-cunhada que tem uma escola e me ofereceram para estudar lá de graça, mas era muito longe, mais longe que aqui, aí eu também não tenho uma saúde muito boa, nesse sol... Aqui não, é só atravessar que eu já estou aqui. É bem mais próximo e na época o pai dela trabalhava aqui também, né.”*  
(Fátima)

Nesses dois casos, embora a proximidade tenha sido a principal motivação para a escolha da escola, houve ainda o fator familiaridade com a escola devido ao fato de um parente de Marta ter estudado na instituição e o esposo de Fátima ter sido um funcionário da escola, aproximando as relações sociais entre família e escola.

A proximidade apareceu como um critério secundário para três outras famílias de alunos da escola privada. Vanessa (professora da instituição), Maria Inês (assistente social desempregada) e Ana Carla (receptionista e comerciante).

No caso de Maria Inês a proximidade está relacionada à boa fama da escola:  
*“Eu coloquei lá no Colégio Fogo por indicação de vizinhos e por ser uma escola próxima.”*

Ana Carla, visitou várias escolas próximas a sua residência em busca, segundo ela, “do melhor que agente pode dar”. Isso demonstra que para além da proximidade seus critérios se estendiam à qualidade das instalações e ao preço da instituição.

*“Primeiro eu fui lá para conhecer a escola, estava uma correria danada. As crianças sem controle, correndo para lá e para cá, aquele negocio todo. Pedi para a coordenadora da época, que não é a da agora, me mostrar a escola, esse negocio todo, aí ela estava meio enrolada não me mostrou a escola. Eu achei que ela fez pouco caso, né? Aí eu tive uma má impressão. Achei melhor colocar no São João. Aí depois dentro das minhas possibilidades financeiras e também de*

*distância né? Aí o lugar que eu achei mais perto, foi lá, aí fiquei entre o Colégio Fogo e o Colégio Gloria.[grifo meu]*

Para Vanessa o critério proximidade não se refere à distância de sua casa, mas ao seu local de trabalho e ao seu controle direto sobre a vida escolar de seus filhos. Segundo Marlice Nogueira (2011), ser professor faz diferença na escolarização dos filhos. Uma das razões é a rede social na qual o professor está incluído. Ele conhece, como nenhum outro pai, os professores do seu filho e tem acesso privilegiado a informações a respeito do aluno: *“A gente [o grupo de professores] troca: ‘E aí ele tá sentando na frente? Ele tá prestando atenção, deixou de fazer alguma atividade?’ ”* (Vanessa)

Além de acesso direto a questões escolares, como professora da escola, Vanessa viu na possibilidade de matricular seus filhos na mesma instituição em que trabalha a oportunidade de exercer sobre eles maior vigilância e controle a respeito das amizades:

*“Porque eu sou um pouco desconfiada das coisas e a gente vê muita coisa e eles próximo de mim assim me deixa mais tranquila, né? Eu estou ali a par da situação, a par das amizades, a par dos olhares, das conversas e eu consigo controlar isso muito bem”.*

Para Marlice Nogueira colocar o filho na escola em que exerce a docência, é uma estratégia que *“além do amplo acesso às informações sobre a escola, que são diretas e contínuas, essa decisão possibilita intervir, quando necessário, na vida escolar dos filhos, zelando por seu interesse.”* (2011, p.207)

Portanto, através dos três casos em que a escolha pela proximidade foi um fator secundário, é possível pensar que eleger uma entre as escolas próximas do local de residência pode ter mais razões do que aparenta à primeira vista, e apesar de ser uma decisão prática, que não exige grande cálculo ou estratégias para o futuro, pode esconder outras motivações.

#### **5.4.1.2 Estrutura física da escola**

Duas mães, entre os dezoito pais entrevistados demonstraram preocupação com a estrutura física da escola ao falarem sobre o processo de escolha de escola. Ambas da escola privada: Ana Carla e Berenice.

Ana Carla, disse que a estrutura física foi o que mais pesou quando se encontrou indecisa na escolha entre duas escolas privadas:

*“As instalações, porque eu achei o Gloria assim... Como é que eu vou te explicar? As instalações eram muito antigas e o banheiro tinha um murinho assim escondendo. E naquela época já tinha negócio de molestar a criança. Aquele negócio todo era falado. Então eu fiquei com medo de um aluno maior está molestando o Tarcísio; eu achei que o Colégio Fogo era mais amplo, mais aberto. Que dá para você ficar visualizando as crianças, qualquer coisa... Acabou que eu coloquei no Colégio Fogo.” (Ana Cristina)*

Esta fala demonstra que por trás da decisão da estrutura física há também uma preocupação com a segurança do aluno. Como Berenice, que toca na questão das salas de aula cheias, ela buscava maior conforto para seus filhos:

*“Naquela época foi lugar que a gente mais gostou do ambiente, o que conta muito é o ambiente também para a criança, e a turminha deles não tinha aquela quantidade grande de criança. Para a professora tomar conta de crianças é melhor menos do que mais.”*

#### **5.4.1.3 Custo da mensalidade**

Embora a escolha pelo custo seja uma decisão prática, é importante considerar o fator “preço”, pois, ele é o que mais limita os outros fatores de escolha. Ou seja, para muitos pais da escola privada embora não seja o custo o primordial na escolha de uma escola é o essencial para sustentá-la.

*“Olha, o que eu vejo primeiro é a disciplina dos professores com os alunos, a estrutura da escola é muito importante, o local e o custo, né? O custo conta muito.” (Rebeca, escola privada).*

No caso de Rebeca, o custo não pareceu ser o fator principal, pois, ele aparece por último em seu discurso. Mas, se torna o fator determinante, se sobressaindo a demais fatores considerados importantes para a entrevistada: disciplina e estrutura. A importância do preço para ela fica evidente nesta fala: *“Mas o ‘Princesinha’ é muito caro, (...) quando eu tirei ela do ‘Princezinha’, o preço que eu pagava no ‘Princezinha’ eu fui pro Colégio Fogo, eu paguei a metade.”*

Entre os pais da escola pública, o custo só apareceu como um fator primordial para dona Zélia, uma senhora, que cria dois netos e não teve condições de mantê-los na escola privada onde estudavam:

*“Ele estudava no Mota Sobrinho [escola municipal] e depois a mãe tirou pra colocar ali naquele colégio da Itatiaia [...] Era particular. Estudava no particular, aí conseguiu essa vaga no Instituto Terra, graças a Deus não demorou muito porque ia passando de ano ia ficar mais difícil [...] Porque, eu sou viúva, moro de aluguel, crio os dois e a despesa é muito grande, então, a menina conseguiu a vaga no Instituto Terra, graças a Deus, conseguiu a vaga para o outro[irmão] também.” (Zélia, escola pública)*

Para os demais pais da escola pública, embora o preço não tenha aparecido de imediato ao perguntarmos sobre as razões da escolha, ao longo das entrevistas a questão econômica emerge inúmeras vezes, principalmente quando perguntamos sobre outras opções de estabelecimento de ensino, ou sobre a escola ideal para a escolarização da prole:

*“É uma nota [muito caro], mas, a única oportunidade que eu tinha, se eu tivesse eu botava lá, no Vila Lobos [escola privada] . É um colégio também muito severo. Eu não sei não, nunca fui não. Mas eu tenho pessoas que já estudaram lá, que os filhos ficam lá, e é super... tem televisão, vigia de ponta a ponta. Isso é muito importante. As crianças são muito ali...” (Antônia, escola pública)*

Para Bourdieu as ambições estão relacionadas às condições econômicas e o êxito no investimento depende da consciência no uso racional das estratégias. Na citação abaixo, Bourdieu nos convida a refletir sobre as reais condições de escolha das famílias menos favorecidas, dadas as limitações materiais objetivas pelas quais passam:

*“A propensão prática e, por razão ainda mais forte, ambição consciente de apropriar-se do futuro pelo cálculo racional, dependem estreitamente das chances – inscritas nas condições econômicas presentes – de conseguir tal apropriação. A competência exigida pela “escolha” das melhores estratégias objetivas (por exemplo, a escolha de uma aplicação financeira, de um estabelecimento escolar ou de uma carreira profissional) é repartida de modo muito desigual, uma vez que varia quase exatamente como o poder do qual depende o êxito dessas estratégias.” (BOURDIEU, 1998 p. 88)*

Portanto, o capital econômico exerce duas formas de interferência no processo de escolha da escola. A primeira forma, mais objetiva, seria a limitação de opções de escola pelo valor dos gastos. A segunda forma seria a influência do

capital econômico na construção das estratégias objetivas de investimento na escolarização na prole.

De acordo com Neri (2010) a estabilidade do crescimento econômico das camadas populares e nova classe média brasileira, pode ser medida pelo seu grau de capacidade de investir em educação, contudo, a competência necessária para a escolha da escola parece ainda estar distante dessa parcela da população, que só agora, com o crescimento econômico, começa a ter recursos financeiros para escolher (limitadamente) entre o leque de opções disponíveis.

#### **5.4.2**

#### **Escolhas direcionadas para a melhoria das condições de vida e a mobilidade social**

As escolhas voltadas para a melhoria das condições de vida, são as mais comuns entre o universo pesquisado, ou seja, as principais motivações entre os sujeitos da pesquisa ao matricularem seus filhos em instituições de ensino pública ou privadas. Suas opções giram entorno da melhoria das condições materiais de vida. Essa “melhoria” diz respeito a representações sociais de sucesso ou prosperidade. Para algumas famílias o sucesso está ligado à aquisição de bens materiais (YACCOUB, 2011), a conquista de um emprego de carteira assinada (NERI, 2010), ou até mesmo à longevidade escolar (VIANA, 2000). Vejamos como essas representações de melhoria de vida apareceram nos dados obtidos através dos questionários e das entrevistas:

##### **5.4.2.1**

##### **Prestígio e qualidade da escola**

A busca por proporcionar aos filhos uma educação diferenciada é um anseio presente na fala de pais que escolheram a escola pública e a escola privada. Entre os pais da escola pública, três demonstram esta pretensão ao escolherem a escola para os seus filhos: Antônia, Gilmar e Maria Clara. E entre os pais da escola privada, uma mãe destacou o peso do prestígio da instituição para a escolha do estabelecimento de ensino: Elizabete.

Para essas famílias matricular seus filhos em uma instituição diferenciada das demais, cuja reputação (COSTA, 2011) é reconhecida socialmente é algo muito importante, pois, no imaginário dessas famílias, ao frequentarem esse tipo de instituição seus filhos gozarão de maiores possibilidades de sucesso escolar.

Segundo as famílias que optaram pelo Instituto Terra, esse colégio apresenta alguns aspectos que o distingue dos demais, como o uniforme, a estrutura física e a organização da escola. Esses elementos ao mesmo tempo em que anunciam a diferença entre o Instituto e as demais escolas estaduais, fazem com que o sentimento de pertencimento e orgulho de grupo se afirme cada vez mais.

*“Eu prezo muito aquilo ali, eu já fui em outras escolas e vi crianças tudo com aquelas camisas beges que viram pretas, né? E que não tem uniforme. Lá não, lá tem um padrão, uma identidade. Eu acho que dá uma disciplina porque mesmo que a criança..., o meu filho Bruno é terrível no comportamento, mas eu acho que aquele uniforme ali tem um peso, tem um peso assim. Eu prezo muito, eu gosto muito disso.” (Maria, escola pública)*

O prestígio da instituição escolar entre vizinhos, amigos e familiares é uma das motivações para escolha da escola pública, a longa trajetória da instituição e história de egressos bem sucedidos atraem pais pelo sentimento de confiança na unidade escolar.

*“Quando eu conheci o Instituto Terra, era um colégio muito rígido, era um colégio muito divulgado, era o melhor colégio estadual do município, não tinha outro, eu só queria estudar ali, todo mundo queria. E eu acho o Instituto Terra bom até hoje. Hoje em dia não é ‘o colégio’, o problema ali são os alunos que não quer estudar [...] mas o Instituto Terra, é tradição.” (Gilmar, escola pública)*

Para Gilmar, a eleição do colégio público para escolarização de seu filho se deu através do “nome” que o colégio construiu na localidade, a “boa fama” do trabalho desenvolvido pelos diretores, professores e funcionários:

*“O ‘nome’, é a tradição do colégio, por exemplo, uma boa diretora tem uma boa divulgação pro colégio, uma boa inspetora, tem uma boa divulgação para o colégio.(...) É isso, os professores são bons, os funcionários são bons, tem vários amigos meus que se formaram por conta daquele colégio ali” (Gilmar, escola pública).*

O prestígio também foi a razão da escolha de Maria Inês, que recém chegada de outro estado, não dispunha de informações suficientes sobre as ofertas de escola disponíveis. E, embora, demonstre ter mais conhecimento sobre o que é

o processo de ensino-aprendizagem, se valeu do capital social para eleger a instituição escolar que fosse “reconhecida na praça” e que tivesse uma trajetória de formação bem sucedida entre seus alunos:

*“Eu morava no Pará, aí meu marido é militar, veio transferido, então você não tem muita..., eu não tinha muita informação assim, dizer que eu li um documento falando, que eu entrei na internet, não. Muitos vizinhos aqui os filhos estudaram lá, muitos estão formados, entendeu? Por ser uma escola que já tem muitos anos na praça.” (M<sup>a</sup> Inês, escola privada).*

A tradição construída ao longo dos anos é um atrativo para os pais que desejam imprimir na trajetória escolar de seus filhos algum diferencial. Para Costa (2011) *“parece que a reputação é o diferencial atrativo de uma escola. Essa reputação se constrói fundamentalmente pelo perfil do alunado atendido”*(p.254).

O fato de os colégios públicos da cidade em sua maioria se situarem dentro de comunidades carentes faz com que os pais nutram representações negativas dos alunos e dos colégios (ainda que esses pais morem nessas comunidades carentes), levando-os ora a escolherem uma instituição privada, ora a selecionarem entre as escolas públicas de prestígio que ficam fora das comunidades.

Quando questionada sobre a possibilidade de colocar seus netos em uma escola próxima de casa, já que despendia tempo e dinheiro para acompanhá-los até o Instituto Terra, Antônia, demonstra ter no alunado que frequenta a escola, uma das causas para a escolha de um estabelecimento de ensino afastado:

*“O que adianta a gente economizar? Botar naqueles colégios lá, que as crianças, não respeitam ninguém [...] Pega a professora! Criança carente da comunidade que às vezes o pai nem no colégio vai! Tu bota seu filho no colégio lá, minha filha!?” (Antônia, escola pública)*

As mesmas motivações também levaram Elizabete a escolher uma escola privada, em lugar de escolher uma das escolas públicas de sua comunidade. Para que suas filhas não entrassem em contato com o “colégio da favela”, embora estivessem morando lá.

*“É um ensino bom [no Colégio Fogo] e você sabe que o colégio público não é muito bom para essas crianças, né? E aqui mesmo perto eu não tenho colégio nenhum bom, qualificado para essas meninas porque um está dentro da favela o outro está fora da favela, mas chega até a ser pior. Então, para colocar em um colégio que seja longe daqui, é melhor colocar ela no Colégio Fogo até quando*

*conseguir bancar, né? Porque infelizmente a hora que não conseguir mais, a gente vai ter que ir para o colégio público.” (Elizabete)*

Ribeiro et. al. investigam “a hipótese de que os resultados escolares são afetados não só pelos capitais cultural e social baseados na família, mas também baseados na escola e na comunidade mais amplas (vizinhanças, municípios)” (2010 p. 11)

Portanto, para esse grupo de pais que leva em consideração o prestígio da instituição,

*“A composição social da clientela de um estabelecimento representa um elemento decisivo na escolha. O que importa para os pais é quem serão os colegas do filho, tanto para reduzir o risco das ‘más companhias’, quanto para se assegurar dos benefícios decorrentes, para os processos de aprendizagem, do convívio com colegas com desempenho escolar elevado”. (NOGUEIRA,1998)*

#### **5.4.2.2 Longevidade escolar**

Diferente das camadas altas e médias tradicionais, para as camadas populares e nova classe média, a extensão do processo de escolarização até o nível superior não é algo dado a priori. (SOUZA, 2010) O histórico de escolarização familiar relatado nas entrevistas, bem como o grau de escolaridade apresentado nos questionários, nos mostra que essas famílias possuem uma trajetória escolar descontínua, interrompida pela emergência da necessidade do trabalho.

*“qualquer que seja a origem social dos ‘batalhadores’ pesquisados, parece se consubstanciar na transmissão efetiva de uma ‘ética do trabalho’. É importante perceber a diferença com relação às classes médias, em que a ‘ética do trabalho’ é aprendida a partir da ‘ética do estudo’ como seu prolongamento natural. Os batalhadores, na sua esmagadora maioria, não possuem o privilégio de terem vivido toda uma etapa importante da vida dividida entre brincadeira e estudo. A necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na ‘verdadeira’ e privilegiada classe média.” (SOUZA, 2010, p.51)*

No entanto, esses pais desejam para os seus filhos a continuidade dos estudos até o ingresso no mercado de trabalho, almejam que eles cheguem ao ensino superior e que através da escolarização tenham melhores condições de vida do que seus pais. “Para os brasileiros, o diploma universitário representa, ao

*mesmo tempo, o símbolo e o instrumento de ascensão social, configurando uma expectativa concreta de aumento substancial de renda.” (SOUZA e LAMOUNIER, 2010 p.68).*

Longevidade escolar é um termo usado por Viana (2000) para denominar a permanência de famílias de camadas populares no sistema escolar até o ensino superior. No processo de escolha de escola relatado por dois pais a busca pela longevidade escolar foi adotada como critério primordial. Esteves e Antônia, ele motorista ela faxineira, não completaram a primeira etapa do Ensino Fundamental, mas, almejam que seus filhos progridam em seu processo de escolarização, por isso, os matricularam no Instituto Terra, considerado por eles o melhor colégio público da cidade. Ambos moram distante, e precisam dispor de tempo e dinheiro para acompanhar seus filhos até a escola.

Esteves, embora não saiba nomear o grau de escolaridade desejado para os filhos, espera que essa escolarização se estenda até depois da faculdade, e considera ideal uma escola que pudesse oferecer isso a ele:

*“É pra ficar direto. Não teria que ficar se preocupando em mudar, depois que ele concluir o 2º grau, depois vai fazer a faculdade, depois vai pra outro que a pessoa tem que ir, entendeu? Seria ideal ir até a faculdade, entendeu? Isso seria o ideal.” (Esteves, escola pública)*

Seu desconhecimento a respeito do sistema de ensino fica evidente quando expressa o desejo de que a escolarização de seu filho siga na mesma instituição até após a graduação, quando há uma tendência de descentralização na rede pública de ensino. (DOURADO, 2007; PERONI, 2007).

Assim como Esteves, Antônia possui um histórico de baixa escolaridade na família e se empenham para que seus netos, filhos adotivos, tenham uma vida escolar mais prolongada:

*“Lá em casa todo mundo estudou a oitava série e parou pra trabalhar. Só tinha eu e o pai, né? Pararam. [...] Mas, eles eu quero poxa! E se eles quiserem eu trabalho, para eles não precisarem trabalhar como eu trabalhei, né? Aí pode ‘ir’, né?” (Antônia, escola pública)*

“Poder ir”, na frase acima simboliza dar continuidade à escolarização. A avó, que é a responsável pela vida escolar dos netos, mostra estar disposta até

mesmo a realizar sacrifícios financeiros para a continuidade da trajetória escolar de pelo menos um de seus netos:

*“Eu quero que eles sejam o que eu não fui. O que ela quiser ser no estudo aí, eu dou a maior força. Eu vou fazer o maior gosto. E vou trabalhar bastante e esse eu tiver que botar eu boto [em uma escola privada] , eu vou pagar por que eu quero, né? Pelo menos um, né? O pai não pôde. Parou de estudar... Pelo menos a Lara [neta] ” (Antônia, escola pública)*

As falas demonstram o valor simbólico da educação para as famílias que matriculam seus filhos motivados pela ampliação da sua trajetória escolar. A hipótese é que a escolarização dos filhos seja uma forma de realizar seus próprios anseios, frustrados no passado pela falta de oportunidades de frequentar a escola.

Fica claro no discurso de Antônia, que a necessidade do trabalho se impõe diante do desejo de manter os netos estudando. Para que eles tenham uma trajetória escolar de sucesso ela terá que trabalhar ainda mais, mesmo que isso implique em grande sacrifício pessoal. Para Nogueira (2002)

*“O ascetismo se caracterizaria pela disposição das classes médias para renunciarem aos prazeres imediatos em benefício do seu projeto de futuro. Essa disposição pode ser claramente ilustrada pelos sacrifícios (renúncia à compra de bens materiais, redução de gastos com passeios etc.) que essas famílias realizam para garantir uma boa escolarização da prole. Esse ascetismo se traduziria, ainda – em termos da forma de educar os filhos –, num ‘rigorismo ascético’, numa valorização da disciplina e do autocontrole, e na exigência de uma dedicação contínua e intensiva aos estudos.” (p. 25)*

#### **5.4.2.3 Maior e Melhor Qualificação profissional**

Segundo Souza e Lamounier (2010) uma das características da nova classe média brasileira e de famílias com menor renda é a preocupação com a manutenção do emprego para não perder o novo padrão de vida, o qual tem melhorado nos últimos dez anos (NERI, 2010). Por isso, a escolha da escola com vistas à qualificação profissional, pode ser entendida como uma forma de prevenção de futura instabilidade financeira na vida dos filhos.

*“Com o estudo você abre um leque, tem muitas possibilidades de ter um emprego melhor de ter uma vida melhor, né? Muitas possibilidades.” (Maria Clara, escola pública).*

A impossibilidade de adiar a entrada dos filhos no mercado de trabalho, faz com que os pais, ainda no Ensino Fundamental, se mobilizem em prol da educação de seus filhos. Por isso, pode-se crer que a chance de obter um “emprego” a nível médio como professora das séries iniciais tem atraído os pais a procurarem o Instituto Terra. Isso pode ser observado no relato da direção da escola e na fala de Luana:

*“A mãe chega aqui, o filho está no primeiro ano do Ensino Fundamental – vinha porque agora já não tem mais, está acabando – já pensando no curso Normal. Vários, vários alunos que no sexto ano a mãe: ‘Ah! O sonho da minha filha é ser professora.’ Eu quero que ela venha para cá. E quer matricular a pessoa para garantir já a vaga no curso Normal.” (Shirley, diretora do Instituto Terra)*

*“Esse Instituto Terra é muito bom. Tem muitas pessoas que eu conheço que se formaram lá e muitos professores que estudaram lá, se formaram e hoje em dia são até professores lá, né? Então é uma escola muito boa.” (Luana, escola pública)*

Para Souza (2010), a intrínseca relação da ‘classe batalhadora’ com o trabalho, está ligada a sua própria constituição, pois, a necessidade do trabalho se impõe precocemente não possibilitando o “privilégio da escolha”:

*“Como consequência, salvo exceções, o tipo de trabalho tende a ser técnico, pragmático e ligado a necessidades econômicas diretas. Inexiste o ‘privilégio da escolha’ para os batalhadores. O trabalho e o aprendizado das virtudes do trabalho vai ser, para muitos, a verdadeira ‘escola da vida’.” (p.52)*

Portanto, a possibilidade de obtenção de trabalho para as camadas populares e nova classe média, interfere nas decisões sobre a escolarização da prole.

#### **5.4.2.4 Mobilidade social**

Nas entrevistas realizadas a busca pela mobilidade social através da escola, apareceu em quase toda a totalidade do universo pesquisado. Nas falas de Vanessa, suas ações diárias de acompanhamento da escolarização dos filhos expressam a centralidade e importância da mobilização social via escola.

*“A gente sabe que assim, nós precisamos na nossa vida priorizar algumas coisas, nós precisamos priorizar algumas coisas, e hoje a prioridade é mantê-los dentro de uma instituição que vá proporcionar alguma coisa de diferente pro futuro deles.” (Vanessa, escola privada).*

A crença na escolarização como propulsor de ascensão social, pode estar ligada ao exercício do magistério. Por conhecer o sistema de ensino por dentro (Marlice Nogueira, 2011) Vanessa sente segurança para “apostar” no sistema educativo, e vê as possibilidades de rentabilidade de seu investimento (Bourdieu, 1998).

*“Contra-pondo-se às classes populares, as classes médias, ou pequenaburguesia, tenderiam a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos. Esse comportamento se explicaria, em primeiro lugar, pelas chances objetivamente superiores (em comparação com as classes populares) dos filhos das classes médias alcançarem o sucesso escolar. As famílias desse grupo social já possuiriam um volume razoável de capitais que lhes permitiria apostar no mercado escolar sem correr tantos riscos. Para Bourdieu, no entanto, o comportamento das famílias das classes médias não pode ser explicado apenas pelas chances comparativamente superiores dos filhos dessas famílias alcançarem o sucesso escolar. Bourdieu observa que é necessário considerar, igualmente, as expectativas quanto ao futuro sustentadas por esses grupos sociais. Originárias, em grande parte, das camadas populares e tendo ascendido às classes médias por meio da escolarização, as famílias de classe média nutririam esperanças de continuarem sua ascensão social, agora, em direção às elites. (NOGUERA, 2002 p.24)*

Os esforços empreendidos por Vanessa em prol de que seus filhos assimilem os conteúdos e tenham contato com práticas culturais caracterizam o que Bourdieu chama de boa vontade cultural, explicitada abaixo:

*Finalmente, a boa vontade cultural se caracterizaria pelo reconhecimento da cultura legítima e pelo esforço sistemático para adquiri-la. As famílias das classes médias – particularmente aquelas originárias das camadas populares e que detêm, portanto, um limitado capital cultural – empreenderiam uma série de ações (compra de livros premiados, frequência a eventos culturais etc.) com vistas à aquisição de capital cultural. (NOGUEIRA, 2002 p. 25)*

Apresentamos nessa seção algumas das múltiplas motivações para a complexa decisão da escolha da escola pela melhoria da qualidade de vida. Optamos por desmembrá-las aqui, ressaltando a importância dada por cada entrevistado à questão. Em seguida passamos a nos debruçar sobre a escolha de escola para a transmissão de valores morais e éticos.

### 5.4.3 Escolha para a transmissão de valores morais e éticos

Entre os motivos de escolha de escola encontrados no universo pesquisado, foi possível identificar, um grupo de pais que tem nos valores éticos e morais a principal razão para eleição de determinado estabelecimento de ensino. São prezados valores como organização, respeito ao próximo e submissão às regras.

*“Percheron (1981) através de pesquisa realizada com famílias pertencentes às diversas classes sociais, conclui que certas atitudes em relação à educação dos filhos (valorização da submissão, do esforço ou da autonomia; rigorismo ou liberalismo educacional) variam não tanto em função da classe ou fração de classe, mas, sim, de outros fatores mais ou menos independentes em relação à divisão em classes. A autora destaca, especialmente, a trajetória ascendente ou descendente do grupo familiar (e não necessariamente da classe), o nível educacional, o meio rural ou urbano e a postura mais ou menos conservadora e religiosa de cada família.”(Nogueira, 2002 p.26)*

Encontramos três possibilidades de explicação para esse tipo de escolha com base no perfil das famílias apontadas pelo questionário e entrevistas, e abordados no capítulo quatro deste trabalho.

Primeiro, a excessiva carga de trabalho das camadas populares e médias (SOUZA, 2010; SOUZA e LAMOUNIER, 2010) com vistas à ascensão social e/ou subsistência material, afasta cada vez mais os pais de sua autoridade parental, fazendo com que as famílias transfiram para a escola atribuições que lhes são próprias, como as que dizem respeito à cordialidade e às “boas maneiras”.

*“A escola é uma continuação. Mas para mim que trabalho fora é o principal. O meu trabalho é onde eu passo o maior tempo. Em casa às vezes chego muito cansada. Às vezes nem janto e vou dormir. Então eu sei que eu estou pecando com meus filhos como eu te falei anteriormente. A reunião de hoje foi muito boa. Esse vídeo, eu vou ver se eu acesso mais na internet vou prestar mais atenção porque as mães estavam conversando, é coisa que eu de repente precisava dessa sacudida. Eu sei que eu falho com meus filhos. Eu não estou sabendo aonde consertar. Agora, uma boa escola é onde eu consiga ter uma ajuda. Onde que os alunos tenham assim... atenção (...)” (Regina, escola pública)*

Uma segunda explicação para o lugar dos valores na escolha da escola é o papel que a religião desempenha na relação dos sujeitos com o mundo, favorecendo expectativas de transmissão de valores morais e religiosos. Alguns trabalhos tem apontado a necessidade de investigar a relação entre a religiosidade e os valores das camadas populares e nova classe média (Souza e Lamounier,

2010), já que a prática da religião tem crescido entre essas camadas. Os dados dos questionários demonstraram que 87% de pais pertencem a uma religião, sendo predominantes os católicos e os evangélicos (85%).

Souza (2010) dedica um capítulo do seu livro “Os batalhadores” a relacionar o pentecostalismo às práticas sociais da “nova classe trabalhadora”, afirmando o poder da religiosidade na constituição social do indivíduo e na sua perspectiva de futuro. Para ele, *“a religião funciona como motivação, como forma de levar adiante a vida, apesar dos sucessivos reveses, como mecanismo regulador das relações interpessoais.”* (p.326)

Bianca, evangélica, quando perguntada a respeito da escola ideal responde:

*“O que importa é assim não ensinar só o conhecimento, mas uma parte também assim o religioso. Eu acharia legal também assim, uma escola evangélica, um ensino religioso, que ensinasse as coisas de Deus assim também na escola.”* (Bianca, escola privada)

E em terceiro, o lugar que a escola, principalmente a pública, ocupa no imaginário da população um espaço de formação moral, construído desde a relação entre magistério e sacerdócio (SAVIANI, 2008) até as novas representações, demandas e desafios da sociedade atual. (NÓVOA, 2008)

*“A gente procura priorizar sempre o que é certo, né? O que é permitido, né? O que é legal, né? As amizades que convêm, né? Porque hoje em dia o mundo social, as coisas que são muito fáceis, que estão muito ao alcance dos adolescentes e eles estão assim contaminando a cabecinha deles, né? Então você não vê mais hoje aquelas famílias como você via antigamente, as crianças estudando, as crianças tirando boas notas, não que todas as crianças tinha assim sucesso em tudo, mas os pais eles faziam por onde manter esses laços. Hoje em dia as crianças não querem mais estudar, hoje em dia as crianças acham um saco e xingam os professores e afrontam os professores.”*(Vanessa, escola privada)

#### 5.4.3.1

#### **Submissão às regras e valorização da organização**

O grupo de pais da escola pública pareceu mais preocupado com as questões referentes ao cumprimento de regras e controle dos alunos. Observando a escola escolhida, o Instituto Terra, vê-se que é um colégio que valoriza de alguns procedimentos de controle como uso de um uniforme diferenciado, formação dos

alunos em filas para cantar o hino nacional, rigidez quanto ao horário e uso do uniforme, etc. Todos, de acordo com as entrevistas, estimados pelos pais.

*“Porque eu prezo muito isso que essa escola mantém que é o uniforme, as regras... tudo o que foi falado pela Shirley agora na reunião é muito prezado por mim. Que são coisas que a gente não vê nas outras escolas aí de fora. É aluno indo para a escola de shortinho, o palavreado, o comportamento dentro do ônibus... Então eu faço tudo para que eles continuem aqui. Então, eu sempre tive essa escola como uma escola modelo. (...) Tem que saber que tem que estar uniformizado. O horário deve ser cumprido. Entendeu? Está tendo a noção das responsabilidades.” (Regina, escola pública)*

Os pais identificam na instituição escolar um local próprio para ‘imprimir’ em seus filhos valores relacionados ao mundo do trabalho. Deste modo, as regras e mecanismos de controle impostos pela escola, respaldados pelos pais, funcionariam como forma de *“in-corporação – tornar-se ‘corpo’ automático – das disposições nada óbvias do mundo do trabalho moderno: disciplina, autocontrole, comportamento e pensamento prospectivo.” (SOUZA, 2010 p.51)*

#### **5.4.3.2 Respeito ao próximo**

A preocupação dos pais com relação a valores como respeito e cordialidade, está relacionada às transformações que as relações sociais têm sofrido ao longo das gerações. A questão do respeito à autoridade do professor apareceu nas entrevistas de forma entremeada de saudosismo. Os pais se surpreendem com a maneira desrespeitosa de alguns alunos se dirigirem aos professores.

*“Acho que é mais respeito. A diferença é que tinha mais respeito, alunos com os alunos, os professores com os alunos. Hoje em dia, se pega uma criança de seis, sete anos que é mal educada, vai xingar a professora dentro da sala de aula. Eu acho que é mais respeito. Em primeiro lugar é isso aí.” (Gilmar)*

Entre os pais da escola privada valores como o respeito, não foram citados explicitamente como motivadores para a escolha da escola, porém, no decorrer das entrevistas essa questão apareceu de forma recorrente. Para esses pais, diferente dos da escola pública, a demanda por respeito está ligada a relação da escola para com os alunos. Ela emergiu em meio ao relato de algumas insatisfações:

*“Quer dizer se ele fosse um colégio que investisse no aluno e procurasse saber o que está acontecendo, que tivesse respeito por aquilo que ele está passando. E estava passando bem pior, porque agora graças a Deus ele já tem dezessete anos, já está entrando na juventude, então, ele já está botando a cabeça no lugar. Está deixando as coisas de menino para fazer as coisas de adulto, mas antes não. Então eles tinham que ter essa visão, se eles tivessem feito isso, se eles tivessem procurado ajudá-lo, tivessem buscado ajuda até mesmo com um psiquiatra, com um psicólogo dentro do próprio colégio, isso não teria acontecido, mas eu vou fazer o quê?” (Elizabete, escola privada)*

*“Aí o que eles fazem? Contratam inspetores, pessoas que não são qualificadas pra lidar com as crianças. Eles ficam: - Ei, ei, ei, ei! É assim que eles chamam a atenção, só gritando. Não fazem com que as crianças tenham respeito por eles, sabe? Na reunião eu falei pra ela [coordenadora]: Porque que você não faz algum entretenimento com essas crianças? Procura ver o que tem para envolvê-los. Meu filho é muito..., ele tem uma veia artística muito aguçada, aí ele tira seis em Artes lá.” (Maria Inês, escola privada)*

Como podemos observar após a análise dos motivos de escolha de escola e seus respectivos desdobramentos, é possível concluir que os pais e mães dessas famílias elegem algumas razões centrais para a escolha da escola, enquanto outras razões compõem um conjunto de fatores secundários, nem sempre aparentes, mas presentes nas representações das famílias sobre a escola. *“Assim, valores religiosos ou pedagógicos, aspiração ao êxito escolar e social, desejo de seletividade nos relacionamentos sociais, entre outros fatores, incidem fortemente sobre a escolha.”* (NOGUEIRA, 1998 p.49). Isso indica a complexidade desse processo para as famílias.

*“Entre os setores menos favorecidos da população ocorrem processos ativos e diferenciados de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias, os quais devem merecer a atenção do sociólogo da educação. Ao mesmo tempo, os resultados obtidos levam a uma discussão sobre os fundamentos dessa diferenciação.”* (NOGUEIRA et al., 2011, p.967)

Para a autora as diferentes escolhas estariam associadas a distintos graus de mobilização familiar quanto à escolaridade dos filhos com base em aspectos como o acompanhamento da escolaridade dos filhos, as práticas culturais, os projetos de escolarização a médio e longo prazos. Como nos resultados encontrados no estudo de Nogueira (2011) Alves (2010) e Costa e Kolinski (2011) é possível observar em nosso trabalho as “subestratificações” nos processos de escolha de escola.

## 5.5 Expectativas sobre a escolarização da prole

Após termos destacado os principais aspectos levados em consideração para a escolha da escola, analisamos as expectativas subjacentes a essas escolhas. Tal análise é fruto do cruzamento das falas dos entrevistados com as respostas obtidas através do questionário, em especial as questões de 1 a 19, do bloco 3, chamado “Qualidade de ensino” (ANEXO 1).

No artigo, “*Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares*”, Nogueira et. al. (2011) trazem importantes contribuições para esse debate, as quais são de extrema relevância para a compreensão dos dados.

Os autores ressaltam que a ligação entre o processo de escolha de escola e o quadro de desigualdades de oportunidade educacionais, tem conduzido diversos países como Chile, Estados Unidos e França (de maneira bem distinta uns dos outros), a medidas governamentais de escolha de escola, mas, para eles, a mobilização em prol da escolha de escola, não é fruto apenas de políticas governamentais de organização e distribuição de vagas. Para Nogueira et. al. (2011)

*“(...) é preciso observar ainda que essa ampliação da possibilidade de escolha pelos pais, não decorre apenas de uma ação do Estado. Ela é igualmente e inseparavelmente fruto de um desejo crescente de participação dos pais na vida escolar dos filhos, desejo este diretamente associado a transformações na estrutura e nas dinâmicas (demográficas, econômicas, de mentalidade) das famílias. Tais transformações produzem efeitos variados nos modos de criação dos filhos, dentre os quais destacamos, para fins da problemática aqui tratada, a intensificação dos investimentos parentais na escolarização da prole, concebida como estratégia, por excelência para garantir um destino (pessoal e social) favorecido para os filhos.” (p.955)*

A intensificação dos investimentos como medida para garantir um destino favorecido à prole, pode ser observada através da análise das expectativas depositadas na escolarização, e mais precisamente, no estabelecimento de ensino escolhido para os filhos.

Nos questionários foram apresentadas dez variáveis a respeito das atribuições da escola, os pais assinalaram seu grau de concordância com as mesmas, elegendo entre as respostas “discordo”, “concordo” e “não concordo nem discordo” para expressar a sua opinião.

Nas entrevistas, a questão foi abordada através da pergunta: “Quais são suas expectativas em relação à escola de seu filho?” e ainda “O que você espera dessa escola para o futuro de seu filho?” (ANEXO 2)

**Gráfico 9 – Papel da escola segundo as famílias da escola pública e privada de forma agregada**



Considerando de forma agregada o grau de concordância a respeito das variáveis que melhor representam a responsabilidade da escola na visão dos pais de alunos da escola pública e privada, veremos que a variável “respeito às regras” recebe o maior índice de concordância, 97%, seguida de “assegurar a aprendizagem dos conteúdos escolares” e “preparar para o mercado de trabalho”, ambos com 94% de concordância e “promover o valor do esforço”, com 92% de

concordância. A promoção da autonomia foi assinalada por um número menor de pais em relação aos demais ítems.

Ao analisarmos essas variáveis à luz dos dados obtidos pelas entrevistas veremos que a educação para o respeito às regras está intimamente relacionada ao preparo para o mercado de trabalho, tendo em vista o tipo de profissão que esses pais esperam que os filhos desenvolvam. Valores como submissão e obediência são típicos de funções “inferiores” na hierarquia ocupacional. Neste sentido é sugestivo o fato dos pais das camadas populares esperarem que a escola forme seus filhos para serem “bons funcionários” e manterem-se em seus empregos. É o que se pode observar na fala de Regina:

*“Eles estão tendo a noção do que é responsabilidade. Saber que tem que estar aqui aquele horário. Se não chegar no horário não vai entrar. Que o pai vai ser comunicado. Isso é bom. Eles estão tendo a noção do que eles vão encontrar futuramente aí, numa empresa, em um trabalho. Para que isso não aconteça em um serviço particular. Com essa noção: cumprir o uniforme...” (Regina, policial militar, mãe de alunos da escola pública)*

A conduta que Regina espera de seu filho em relação ao uniforme escolar, parece ser uma reprodução da conduta exigida em sua profissão. Ela espera que a escola desenvolva em seus filhos a noção da responsabilidade com o horário e uniforme, porque tem a expectativa de que eles vão precisar quando estiverem trabalhando para uma empresa ou como a mesma diz, “em um serviço particular”. O futuro que Regina aguarda para seus filhos não é diferente do seu. Para Bourdieu (...) “a ‘demanda efetiva’ encontra seu funcionamento e, também, seus limites no poder, medidos pelas chances de saciar o desejo e satisfazer a necessidade”, ou seja, só se deseja o que é possível desejar. (1998, p. 89)

De igual modo a aprendizagem dos conteúdos escolares e a promoção do esforço também são valores relacionados às expectativas de inserção no mercado de trabalho, como se pode observar na fala abaixo:

*“Sem ele [estudo], atualmente, a gente não consegue nada, poxa, fazer concursos, antigamente era mais fácil, entrava-se pela janela, mas hoje em dia não tem isso, você tem que estudar para conseguir alguma coisa. É por isso que eu invisto na minha filha. Se eu que sou mãe não ajudar como ela vai conseguir? O meu sonho é vê-la na marinha, na aeronáutica, agora eu não sei se esse é o sonho dela. Eu também não posso me intrometer nos sonhos dela, que o sonho dela é um e o meu é outro, eu falo para ela que é para o bem dela, que nos temos um casal de irmãos, vizinhos nossos, que o menino hoje é cadete do exército, e a*

*menina fez concurso para marinha mercante e também passou, hoje em dia os dois estão assim... não é dizer que eles estão bem, mas, é muito lindo eles chegarem em casa fardados, têm um emprego que é para a vida toda, têm estabilidade... E ela fica assim: 'É mãe, é tão bonito ver a Lúcia chegando de farda, é tão bonito!', aí eu falo assim: 'Pois é Geovana, a mamãe sonha que você também seja uma pessoa bem sucedida na vida, mas para isso você tem que estudar. Não é mesmo?'. '(Fátima, manicure, mãe de aluna da escola privada)*

Na fala de Fátima notamos que o sonho de que sua filha exerça uma profissão militar não é por acaso, esse desejo está relacionado a um anseio por maior estabilidade e segurança. Sentimentos típicos forjados por uma trajetória de vida marcada pela instabilidade econômica. A conquista de melhores condições financeiras fez com que Fátima invista na filha para que essa tenha uma história diferenciada. Para Nogueira et. al.(2011),

*“cada grupo social realiza suas escolhas dentro do universo de possibilidades que lhe é próprio, utilizando-se de critérios e servindo-se de recursos culturais e econômicos distintos. Cada um deles tende, portanto, a fazer escolhas que refletem e reproduzem essas mesmas desigualdades.” (p. 958)*

Essas expectativas sobre a escolarização da prole em relação ao trabalho são nutridas no seio familiar, pois,

*“a família batalhadora, a família da nova classe trabalhadora, é responsável por reproduzir membros dotados de capacidades para enfrentar a instabilidade do mercado e se manter nele. Ela é responsável por reproduzir a classe (...) reconhecendo no trabalho uma necessidade material, mas principalmente reproduzindo uma ‘moralidade do trabalho duro’.” (SOUZA, 2010 p. 146)*

Para esse autor existe no ideário da família batalhadora uma espécie de “capital familiar” transmitido de pai para filho através do exemplo. São valores relacionados ao mundo do trabalho e da sobrevivência diária. Segundo Souza (2010)

*“Chamamos esse conjunto interligado de disposições para o comportamento de “capital familiar”, pois o que parece estar em jogo na ascensão social dessa classe é a transmissão de exemplos e valores do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais muito adversas.” (p.50)*

**Tabela 22 – Porcentagem de concordância, pelos pais da escola pública e da escola privada, a respeito do papel da escola.**

EM SUA OPINIÃO, CABE À ESCOLA CONTRIBUIR PARA:	Escola Pública			Escola Privada		
	Discordo	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Concordo	Não concordo nem discordo
Assegurar aprendizagem dos conteúdos escolares	-	96	4	4	91	5
Promover o valor do esforço	2	94	4	9	91	-
Promover a felicidade	6	92	2	13	78	9
Desenvolver a opinião própria	2	92	6	8	79	13
Desenvolver a cidadania	2	94	4	4	88	8
Educar para o respeito às regras	-	98	2	4	96	-
Preparar para o mercado de trabalho	-	100	-	4	87	9
Promover a autonomia	9	80	11	18	55	27
Educar para o respeito ao próximo	8	88	4	8	92	-
Assegurar um bom resultado no Vestibular e ENEM	2	96	2	-	78	22

Entre os pais de alunos da escola pública, a opinião predominante foi a contribuição da escola no preparo dos alunos para o mercado de trabalho (100%), seguido da expectativa da educação para o respeito às regras (98%). A segunda opção demonstra também o tipo de ingresso no mercado de trabalho que esses pais esperam para seus filhos.

Quanto aos pais da escola privada o respeito às regras (96%) e o respeito ao próximo (92%) apresentaram o maior grau de concordância. A pequena diferença entre os dois grupos pode significar uma tendência maior entre os pais da escola privada à expectativa sobre a construção de valores humanos (respeito ao outro) enquanto os pais da escola pública mantém suas expectativas direcionadas às condições materiais (ingresso no mercado de trabalho). Contudo é preciso cautela para não se precipitar em tal análise, pois, segundo Nogueira et al.,

*“Há certo consenso, na literatura, de que não se pode reduzir tal ato [escolha da escola] a uma conduta racional de atores sociais que servindo-se de critérios*

*universais de avaliação, fariam um cálculo de tipo 'custo/benefício' para escolher entre todas as opções objetivamente disponíveis." (2011 p.955)*

Considerando o alto índice de frequências à resposta “concordo” em todas as variáveis, pode-se dizer que a expectativa sobre a escola que atende aos setores populares e a nova classe média acumula uma grande diversidade de demandas. Contudo, há diferença entre elas, algumas são consideradas centrais para o total de pais, outras se distanciam não tendo consenso para o grupo pesquisado.

### **5.5.1 Expectativas em relação ao futuro**

Relacionar as expectativas a respeito da escolarização ao futuro dos filhos é uma tarefa elaborada que requer habilidades de antecipação e planejamento. A literatura nos mostra que o domínio do tempo e da capacidade de planejar o futuro não é encontrado igualmente em todas as classes sociais. Esse domínio requer a estabilidade do presente. Por isso, para aqueles cujo “pão de cada dia é incerto”, há problemas em estabelecer metas para o futuro. Souza (2010) afirma que

*“a ideia da temporalidade como uma construção social pode ser vista na atualidade quando observamos que há determinada classe de indivíduos com muito mais 'futuro' do que outros, ou seja, de indivíduos muito mais munidos do recurso escasso que é o tempo racionalizado. Essa forma específica de experiência com o tempo pode ser entendida como a produção de um espaço imaginário para um encadeamento de decisões, ou seja, para a prática de fincar pressupostos para o amanhã.” (SOUZA, 2010 p. 278)*

Para Nogueira (2011) o grau de conhecimento do sistema de ensino que os pais detêm e os seus projetos de futuro para seus filhos devem ser ressaltados por sua relação direta com a escolha do estabelecimento de ensino.

Na fala dos pais foi possível perceber que sua expectativa é que a trajetória escolar dos filhos se concretize no Ensino Médio ou Curso de Formação de Professores e em seguida os jovens ingressem no mercado de trabalho.

*“Espero que ele tenha um futuro bom, pelo menos arrumar uma profissão aí, uma profissão boa, está estudando, uma profissão boa que tiver. O futuro que eu espero é esse.” (Esteves, escola pública).*

Portanto, os pais se mantêm trabalhando em prol da educação de seus filhos até completarem o Ensino Médio (o que alguns chamam de completarem “os

estudos”): *“se depender daqui eles só saem daqui quando eles tiverem terminado tudo!” (Esteves)*

Planejam que daí por diante, seus filhos possam ingressar em um bom emprego que lhes permita pagar as mensalidades de uma universidade privada, com as quais não teriam condições financeiras de arcar. Ou esperam, até mesmo, que seus filhos mais velhos possam ajudar os irmãos mais novos. *“... a gente ajudava e ela ia. Pelo menos um! Aí, até ela se formar o Patrício [irmão mais novo] ainda tem caminho, aí depois ela ajudava o Patrício.” (Antônia)*

Alguns desses pais levantam a possibilidade dos filhos seguirem a carreira militar como forma de atingirem a estabilidade financeira. Eles lidam direto com as limitações. Seus sonhos estão dentro da “medida de seus limites”. Na fala abaixo, fica explícita a “impossibilidade” de estudar em uma universidade pública. Luana nem mesmo se permite pensar nesta hipótese:

*“Eu sempre falo com ele, converso com ele, falo com ele que hoje em dia, educação, saúde é o que tem as portas abertas pro emprego, que ele não tem condições de fazer uma faculdade, de pagar uma faculdade sem tá trabalhando. Então tem que procurar uma coisa mais concreta pra vida. Porque hoje em dia o emprego pra quem tem uma qualificação já tá difícil imagina quem não tem, né?” (Luana – escola pública)*

Seu filho está do sexto ano, mas, pela sua experiência ela tem a certeza que não será possível ingressar em uma universidade pública ou pagar uma privada sem está tralhando.

Alguns pais como Ana Carla apenas desejam que seus filhos tenham melhores condições de vida, superando as dificuldades atuais:

*“Eu não espero nada para mim, eu quero que meu filho tenha uma vida melhor que a minha, melhor que a do pai, que não seja de sacrifícios. Que ele não tenha que sacrificar as coisas que ele gosta de comer, as coisas que ele gosta de beber, por que ele tem que estar contando moedinha por moedinha ... o que tem que se pagar o que tem que se fazer todo mês. Eu penso é no futuro dele, eu quero que tanto ele quanto a Mariana tenha um futuro muito melhor do que o meu do que do pai. Que como ele diz que quer ser engenheiro químico, né? Ou que quer ser petro-químico, diz que alguma coisa na área da química.” (Ana Carla)*

*“Até chegar lá a maioridade, 18 anos, ele vai estar estudando. E quando ele chegar lá ele vai ver o que quer ou o que puder instruir ele, para ver o que ele quer da vida... é uma coisa, até ele falar: ‘Eu quero fazer dever porque eu sou estudioso, porque eu quero’, aí é outra coisa. Agora, o que eu quero pro meu*

*filho... Olha vou falar uma coisa para você, eu sou serralheiro. E uma vez um rapaz perguntou o que ele queria ser e ele falou que queria ser serralheiro. Agora, ele não vai ser serralheiro, eu nunca queria que ele fosse. Bom filho, bom pai e bom avô. Bom tudo. E no futuro quem sabe é Deus, a gente não pode falar o que ele vai ser ou o que ele quer ser. A gente tenta prevenir o que vai ser melhor para ele. Para ele chegar a ter futuro ele vai ter que estudar. Fazer um cursinho aqui, um curso ali, e ano que vem ele já vai fazer profissionalizante.” (Gilmar)*

Outros pais como Maria Inês e Vanessa têm expectativas mais altas sobre o futuro dos seus filhos:

*“Olha o futuro escolar, eu assim o que eu idealizo pros meus filhos futuramente é que eles vão todos os dois estar na Universidade, vão estar formados, porque eu me empenho muito pra isso. E eu a muito tempo vou incutindo isso na cabeça deles, que eles tem que se especializar, que você tem que ter uma profissão, que você só chega pra ter um bom futuro se você estudar, se você quer realizar os seus sonhos, ficar bem financeiramente, é estudando que você vai conseguir, é isso que eu idealizo e vejo ele na universidade. Não vejo outra...” (Maria Inês)*

*“O Rodrigo eu vejo ele na área tecnológica, que ele gosta muito de informática, de computação. Ele é o tipo de pessoa, ele é agitado, ele é muito inteligente, ele pesca as coisas assim com muita facilidade. Então eu vejo o Rodrigo assim, muito independente, muito organizado e pelo que eu observo do cotidiano dele a área tecnológica chama muita atenção. Ele domina os videogames, ele domina a informática, ele domina lá a Sky, tudo ele sabe fazer, o que ele não sabe ele futuca, quebra até aprender e pode ser que agora tem muita graduação tecnológica, dois anos. Essa preparação intensiva pro mercado de trabalho tá cada vez mais atropelando muito coisa, né? Eu não sei, ele tem perfil de quem faz concurso pra passar, aí a gente já almeja muita coisa, tem petróleo e gás, que ele já falou que quer fazer porque o tio dele tá nessa área. Segurança do trabalho que é uma área que o outro tio tá e que também chama a atenção dele. Essa área de informática, eu tenho uma cunhada que é gerente de uma empresa multinacional, ela domina essa área de informática. E como ele vive muito nesse mundo de adulto, isso também chama a atenção dele, né? Vamos ver.” (Vanessa)*

Em maior ou menor medida, as expectativas das famílias pesquisadas em relação à escolarização da prole estão ligadas ao mundo do trabalho. Percebe-se que as aspirações quanto ao ingresso no mercado de trabalho tanto podem impulsionar a família a investir seus (limitados) recursos em uma “educação melhor” para os filhos, quanto pode influenciar na escolha do estabelecimento de ensino que proporcione a transmissão de valores adequados a um ‘bom trabalhador’.

### 5.5.2 Valorização da individualidade no destino escolar

“Pega na mão de Deus e é só se esforçar bastante pra conseguir.”.

Os pais esperam da escola, muito mais que a educação escolar e o ensino dos conteúdos, eles veem na escola um lugar para buscar amparo, eles querem da escola ajuda para a educação moral de seus filhos. Aqui, o papel da escola se mistura com o da família e é possível perceber que a demanda feita ao espaço educativo é bem maior do que o que ele pode atender.

*“Hoje em dia quantas vezes, um exemplo, aqui atrás, e os garotos daqui do Instituto Terra, vem para aqui para essa pracinha e fica beijando e fica se passando a mão, e ficam garotas pegando no negócio do garoto, e eu acho feio. Hoje em dia eu não posso falar que estou satisfeito. Que apesar de que o colégio não tem nada a ver com isso. Mas acho também que o colégio tem que ajudar, não tem? Que lá tem psicólogo, não tem? Tem orientadora...” (Gilmar)*

De acordo com Nóvoa essa transferência de “missões” para a escola é fruto de um processo histórico, que se construiu ao longo do século XX por intermédio de concepções pedagógicas, psicológicas e sociológicas da infância misturadas as “ideologias da salvação, alimentando a ilusão de que a escola é um lugar de ‘redenção pessoal’ e de ‘regeneração social’.” (2008 p. 220)

Por outro lado, se a escola recebe muitas demandas da sociedade, ela também se defende e “constrói” um discurso que é o tempo todo reproduzido pelos pais: a supervalorização do desempenho individual (“Aprende quem quer”. “Quem se esforça consegue”) que por sua vez, também não é real, pois as chances dos indivíduos não são iguais e nem tampouco, são iguais os resultados advindos de suas ações.

*“Acho que independe da escola, porque quem faz as nossas coisas é a gente mesmo. A gente é que tem que lutar pelos nossos objetivos. Não depende da escola. Lógico que tem umas que são legais, mas depende mais da pessoa também, né?” (Bianca)*

Para Souza (2010) o mecanismo social de culpar a si próprio pelo fracasso pertence a todas as instituições modernas, para ele, “o que está em jogo é justamente a ilusão de pressupor que a competição social acontece entre indivíduos partindo de condições iguais.” (p.73)

*“A escola e a família contribuem para a inflação das aspirações escolares. Este mecanismo funciona a partir da pretensa neutralidade da instituição escolar que, ao postular a igualdade das possibilidades escolares, coloca o sucesso escolar como dependente exclusivamente do esforço pessoal.” (SOUZA, 2010)*

Também para Bourdieu (1998) a escola produz e reproduz desigualdades sociais, ao se posicionar neutra, ignorando desigualdades anteriores ao ingresso na escola. Ela trata os diferentes igualmente, legitimando o conhecimento dos privilegiados, que desde cedo incorporaram disposições necessárias ao sucesso escolar, e prejudicando aqueles desfavorecidos que não tiveram acesso à linguagem, e aos modos de conduta idealizados pela escola.

A construção da crença em si mesmo, a responsabilização pelo futuro “fracasso” ou “sucesso” é uma representação muito encontrada nas falas dos pais nas entrevistas.

*“Mas ela tem que se esforçar um pouco mais, eu acho que se ela se esforçar um pouco mais ela consegue (...) Com certeza consegue, é só querer, né?” (Elizabeth)*

O tempo inteiro esses pais dizem para os seus filhos que um futuro próspero só dependerá deles. Isso é bastante contraditório, pois, esses mesmos pais, como vimos ao longo deste trabalho, mobilizam-se para matricular seus filhos em instituições “diferenciadas”, as quais possibilitem maior longevidade no percurso escolar.